
A cultura : língua comum da Europa ?

Antoine Compagnon

(Conferência pronunciada na abertura do XII Congresso Latino-Americano de Professores de Francês SEDIFRALE XII, em 04/06/2001, no Rio de Janeiro.)

Texto traduzido do francês por Maria Elizabeth Chaves de Mello

Resumo

Europa e cultura : as duas palavras são freqüentemente associadas, mas são, também, tanto uma como a outra, igualmente mal definidas. Que Europa ? Qual cultura ? A idéia de cultura, escrevia Paul Valéry, está para nós em uma relação muito antiga com a idéia de Europa. A cultura é a língua comum da Europa, afirmava Fernand Braudel. No outro extremo, igualmente numerosos são os que não cessam de repetir, como Julien Benda em 1946: A Europa, ou, mais exatamente, uma consciência da Europa além da diversidade de suas partes, nunca existiu, como existe uma consciência dos Estados Unidos além da diversidade dos quarenta e oito (hoje cinqüenta) estados. A Europa, a idéia de Europa, a consciência européia, ou a identidade cultural européia não existe. A cultura da Europa é essencial, segundo alguns; é apenas uma palavra vazia, segundo outros. Falando da Europa e da cultura, vamos navegar entre esses lugares comuns.

Palavras-chave : cultura, identidade, Europa.

No âmbito de um congresso latino-americano de professores de francês, tendo como tema *Globalização e humanismo : os desafios do francês*, parece oportuno, até mesmo indispensável, falar da Europa. A oito meses do euro como moeda única para 300 milhões de europeus, seria até irresponsável não abordar este assunto. Ouso dizer que a França pertence cada vez mais à Europa, pois a própria Europa existe cada vez mais. O lugar do francês, entre globalização e humanismo, se esse lugar não for vazio, passa hoje, necessariamente, pela Europa. *Sou francês. Sinto-me europeu. Quero uma Europa que afirme sua identidade, que atenda mais aos anseios de seus povos, que se faça exemplar no mundo*, dizia na última segunda-feira¹ o primeiro ministro francês, num discurso previsível sobre a Europa. É, portanto, sobre o sentido e o futuro da cultura na Europa que gostaria de falar esta manhã, como do contexto inevitável do francês entre globalização e humanismo. Já tive a oportunidade de escrever, com alguma preocupação, sobre o futuro do francês no mundo, sobre o futuro da literatura na cultura da França e mesmo sobre a situação da língua francesa na França. Sempre com o objetivo de perturbar, de provocar uma reação. É isso que gostaria de fazer novamente neste momento, interrogando-me, diante de vocês, sobre a cultura como língua comum da Europa.

A idéia de cultura, escrevia Paul Valéry, *está para nós em uma relação muito antiga com a idéia de Europa. A cultura é a língua comum da Europa*, afirmava Fernand Braudel. *Se tivesse que começar de novo, eu começaria pela cultura*, dizia Jean Monnet. *A Europa será cultural, ou não será !*, exclamam hoje mais de um europeu na peroração de um discurso consagrado sobre a política agrícola, econômica ou monetária comum. No outro extremo, igualmente numerosos são os que não cessam de repetir, como Julien Benda em 1946 : *A Europa, ou, mais exatamente, uma consciência da Europa além da diversidade de suas partes, nunca existiu, como existe uma consciência dos Estados Unidos além da diversidade dos quarenta e oito (hoje cinqüenta) estados. A Europa, a idéia de Europa, a consciência europeia, ou a identidade cultural europeia não existe. A cultura da Europa é essencial, segundo alguns ; é apenas uma palavra vazia, segundo outros. Falando da Europa e da cultura, vamos navegar entre esses lugares comuns.*

Europa e cultura

Europa e cultura : as duas palavras são freqüentemente associadas, mas são, também, tanto uma como a outra, igualmente mal definidas. Que Europa ? Qual cultura ? Fora da Europa, temos, muitas vezes, a sensação de saber o que ela é : *Ir à Europa*, dizia-se na África do Norte francesa, onde *Europa* era um diminutivo da metrópole. Mas, de que Europa pode-se falar hoje ? Os Seis, os Nove, os Doze, os Quinze ? A União Europeia ? O Conselho da Europa ? A conferência sobre a segurança e a cooperação na Europa ? A Europa extensiva aos doze candidatos da Europa Central ? No tempo da guerra fria, a Europa se definia como a região do mundo de maior probabilidade de aniquilamento, em caso de conflito nuclear, mas essa descrição não vale mais e, hoje, temos dificuldade em delimitar a Europa. Daí a tentação de remeter à cultura, mesmo que isso signifique fugir de Cila para

¹ 28 de maio de 2001. NT

cair em Caríbe². As fronteiras da Europa não seriam naturais, mas culturais. A geografia espiritual da Europa resulta de uma série de oposições fundadoras : o Ocidente e o Oriente, mais tarde a cristandade e o mundo muçulmano, em seguida a cristandade latina e o mundo bizantino, enfim, dentro da Europa, o mundo católico e o mundo protestante. A Europa, afirmavam Stendhal, Ernst Curtius e, mais recentemente, Rémi Brague, é a cristandade, a latinidade ou a romanidade (CURTIUS, 1992). Mas que vale hoje uma definição cultural em uma Europa profundamente descris-tianizada ?

Antigamente, falava-se mais de civilização, de alma, ou de espírito. Segundo Valéry : *a idéia de cultura, de inteligência, de obras magistrais tem, para nós, uma relação muito antiga – tão antiga, que raramente recuamos até ela – com a idéia de Europa*. A idéia de cultura e a idéia de Europa remetem uma à outra, como um espelho. Haveria mais belo exemplo de *eurocentrismo* ? As outras partes do mundo, prosseguia Valéry, possuíam civilizações admiráveis, poetas de primeira ordem, construtores, até mesmo sábios. Mas nenhuma parte do mundo possuiu essa singular propriedade física : o mais intenso poder emissor unido ao mais intenso poder absorvente (VALÉRY, 1924).

Assim, a Europa se definiria pela cultura, e a cultura pela Europa, pois sua essência seria a mesma : a transação, a tradução, a tradição. Valéry era um europeu inspirado, pois era um mediterrâneo nato e concebia a cultura europeia a partir do modelo da navegação das idéias : *De todas essas realizações [os sonhos universais do homem, como voar nos ares, todos serem iguais, viver em paz], as mais numerosas, as mais surpreendentes, as mais fecundas foram realizadas por uma parte bem restrita da humanidade, em um território muito pequeno relativamente ao conjunto das terras habitáveis*. A Europa foi esse lugar privilegiado ; o europeu, o espírito europeu, o autor desses prodígios.

Nem por isso Valéry estava menos convencido de viver o fim dessa proeminência, que havia, durante muito tempo, posto a Europa na vanguarda daquilo que chamamos *civilização, progresso, ciência, arte, cultura...*. Seu entusiasmo europeu era inseparável da nostalgia : *Nós, civilizações, sabemos agora que somos mortais*. Seria somente situando-se após o fim da cultura e da Europa que se poderia definir uma pela outra, identificar Europa e cultura ? Ora, o momento atual comporta esta questão capital : a Europa vai manter a sua proeminência em todos os gêneros ? A Europa tornar-se-á *o que ela é, na realidade*, ou seja : um pequeno cabo do continente asiático ? Ou, então, a Europa permanecerá *o que ela parece*, ou seja : a parte preciosa do universo terrestre, a pérola da esfera, o cérebro de um vasto corpo ? Benda criticou essa pura imagem de um poeta que, como é seu direito de poeta, ultraja magnificamente a verdade ; [...] a Europa nunca foi o *cérebro de um vasto corpo* pelo simples motivo que esse corpo, enquanto corpo, [...] nunca foi visto (VALÉRY, 1947). Segundo Jacques Derrida, o discurso exemplar e exemplarista de Valéry sobre a Europa, *discurso tradicional da modernidade, discurso do Ocidente moderno*, parece datado (DERRIDA, 1991), após um século em que a Europa deu ao mundo alguns dos piores horrores da sua história.

² Isto é, fugir de um perigo e expor-se a outro, maior.

Portanto, culturalmente, a Europa não existiria, pois não se identifica nem a uma língua, nem a uma raça, no sentido que os filólogos davam ao termo no século XIX. Como propor uma definição da Europa por sua unidade cultural, objetava Benda, quando a Europa é a singularidade irreduzível das identidades nacionais que aí se afirmaram e confrontaram durante os séculos XIX e XX? Após meio século de Comunidade Européia, a assimilação recíproca das identidades nacionais européias parece pouco verossímil, aliás, pouco desejável, do mesmo modo que o desaparecimento das identidades nacionais em uma identidade européia emergente, a menos, como sugerem os derrotistas e independentistas, que todas as identidades nacionais estejam condenadas a se fundirem em uma identidade ou não-identidade global submissa à língua e à cultura de massa americanas. Mas, o que hoje é ainda incontestavelmente europeu, é, paradoxalmente, a *nação*, a construção histórica das identidades nacionais e sua resistência à globalização.

Uma identidade nacional supõe todo um aparato simbólico, tal como uma história longa e contínua, heróis exemplares, uma língua ilustrada por uma literatura, monumentos emblemáticos, um folclore, lugares e paisagens, uma mentalidade, um hino e uma bandeira, uma divisa, além de uma cozinha e costumes. Ora, diante de um tal sistema indispensável, a própria Europa, entidade nova e trans-nacional, encontra-se tão desprovida quanto as nações, muitas vezes artificiais, que a descolonização produziu na África, apesar das etnias e das fronteiras naturais. Falta à Europa um patrimônio herdado, a identidade coletiva criada pelo apego a um território ou a um ideal compartilhado. A ausência de identidade européia será cruelmente lembrada pelas notas de euro que circularão em 2002: serão exibidas ficções, não lugares reais, mas estilos arquiteturais. Será que, algum dia, uma Constituição dará à Europa uma identidade, como fez na Alemanha após 1945? Para acreditar nisso, é preciso esquecer que a Alemanha tinha um passado que a sua Constituição procurou apagar.

Da civilização européia à identidade cultural européia

O termo *cultura* é tão opaco quanto *Europa*. Procuramos esclarecer um pelo outro, mas eles são simétricos, e talvez sinônimos na confusão. Que queremos dizer com *cultura*? No século XIX, em francês, a palavra só se aplicava ainda, no sentido figurado, às coisas do espírito, e, desde o Renascimento, ela designava apenas a qualidade do *honnête homme*, a *cultura animi* ou *cultura mentis* de quem vivia com os livros. O epíteto consagrado era *espírito culto*, aquele que *colheu o fruto da leitura de bons livros*. A cultura é individual e pessoal, enquanto a civilização é social, ou até mesmo universal – um povo é mais ou menos civilizado –, pelo menos até Barrès, que atesta a inflexão de *cultura* num sentido coletivo, quando anota, em seus *Cahiers* em 1898: *Está se formando uma Europa. Ao lado, fora da Europa dos diplomatas, a mesma desde o tratado de Vestfália, está se formando uma Europa, através dos congressos, da cultura em comum etc.* Aplica, assim, a palavra *cultura* – a *cultura em comum*, ele tem que esclarecer –, não mais a um indivíduo, mas a um grupo, e a um grupo europeu, um grupo *intelectual* europeu, segundo um outro neologismo contemporâneo. Duas influências determinaram a evolução

da palavra *cultura*, da qualidade do indivíduo culto até a característica da comunidade cultural. Por um lado, a do alemão, em que *Kultur* opôs-se, desde o início do século, a *civilisation*, em francês. Enquanto a idéia de *civilisation* estava impregnada do pensamento do classicismo e do iluminismo, de uma concepção filosófica, universalista e progressista do gênero humano, a *Kultur* depende de uma visão do mundo relativista, historicista e romântica. Ela é coletiva, profunda, autêntica e popular, enquanto a *civilisation* é adquirida, artificial, na verdade, até mesmo refinada e aristocrática, como as boas maneiras. A *Kultur* é o espírito, o *Geist* de uma coletividade, principalmente de uma nação, enraizado em sua tradição, seu folclore, suas lendas ; ela designa uma substância que impregna todas as manifestações vitais de um povo. A cultura é diferencial : unindo um grupo, ela o separa dos outros. A segunda influência é a do inglês, ou do americano. Os antropólogos e, em seguida, os sociólogos, recorreram à palavra *culture* para significar, de maneira menos romântica que funcional, o conjunto dos valores e representações de uma sociedade, suas maneiras de pensar e de viver. Afastam-se ao mesmo tempo da idéia de progresso suposta em *civilisation*, e da de alma coletiva implícita em *Kultur*.

O termo oscila hoje entre o sentido humanista dos valores formadores do ideal de todos os homens cultos, e o sentido sociológico das tradições próprias a uma sociedade. Daí os malentendidos. Quando se fala de cultura em francês, isso significaria a democratização da cultura do espírito, maturação individual outrora reservada às elites (era ainda esse o sentido da palavra quando Malraux inventou o ministério *des Affaires culturelles*), ou a administração das culturas no plural, doravante menos nacionais do que regionais, locais, *societais* em geral, seja qual for a coletividade reunida por um modo de vida, como em *cultura jovem* ou *cultura gay* ? Essa ambigüidade ainda foi acrescida de duas outras expressões, *cultura de massa* e *identidade cultural*. A Europa, segundo a filosofia das Luzes, identificou-se a uma civilização, na verdade, à civilização ; depois, sob a influência do romantismo e da antropologia, a uma pluralidade de culturas, orgânicas e funcionais, fazendo com que a palavra se desligasse da tradição. A cultura de massa opõe-se aos sentidos humanista, romântico e antropológico, já que não está ligada nem aos bons livros, nem ao espírito nacional, nem mesmo aos valores e comportamentos transmitidos. Daí decorre um sentimento de ansiedade relacionado ao esquecimento do passado e da memória. Esse medo da alienação havia sido formulado nos Estados Unidos desde os anos 50, já que a cultura de massa, como toda cultura no sentido funcional, favorecia a integração social, mas eliminava as variedades culturais regionais e étnicas. A Europa foi atingida, no final dos anos 60, por uma angústia, que, se ainda não era provocada pelo aniquilamento ou pelo nivelamento cultural, era, ao menos, suscitada pela divisão da cultura em graus de legitimidade. Foi como reação que a noção de *identidade cultural* fez sucesso durante os anos 70 e 80. Oriunda da psicologia social, em que designava a participação afetiva individual em uma coletividade, e onde a sua falta caracterizava as pessoas em situação de desenraizamento, ela transitou da resistência anti-colonialista para o imperialismo e o etnocentrismo ocidentais. Os Estados emergentes

reivindicaram-na para reforçar o poder integrador da identidade nacional, do mesmo modo que o fizeram as minorias étnicas, para sobreviverem no interior de um novo espaço nacional. A identidade cultural tornou-se, assim, um slogan com pinceladas anti-americanistas, na UNESCO.

Ora, as antigas potências coloniais não tardaram a retomar esse slogan para seu próprio uso, enquanto a Europa o recuperava para proteger a sua própria identidade ameaçada pela globalização. A *identidade cultural* forneceu a palavra-chave da Carta Cultural europeia, elaborada pelo Conselho da Europa em 1978, em Atenas. Enquanto que, nos Estados Unidos, a reflexão sobre a identidade cultural tomava a forma do multiculturalismo como exigência de coexistência das comunidades no território nacional, na Europa, embora em situação de imigração multicultural, o debate girou em torno da manutenção da identidade majoritária. A moda das obras sobre a memória, na França, nos anos 80, inscreve-se nessa campanha, do mesmo modo que a proliferação dos colóquios e antologias europeus sobre a identidade cultural no início dos anos 90. Pode-se perceber facilmente como essa preocupação levou ao princípio da *exceção cultural*, resumida por Jacques Delors antes das negociações do Gatt, em 1993, numa fórmula simples : *A cultura não é uma mercadoria como as outras* . A França, representada pela Comissão europeia, conseguiu que esse princípio fosse admitido para preservar tanto o direito de impor cotas contra a invasão do audiovisual pelos programas americanos, quanto a possibilidade de manter políticas de ajudas nacionais e comunitárias. Embora essa posição não fosse compartilhada na Europa, a Comissão não desistiu da oferta de liberação do setor das indústrias audiovisuais. Mas nada estava regulamentado, e, quando das negociações do OMC, em 1999, em Seattle, a Comissão substituiu a exceção cultural, de caráter excessivamente defensivo e protecionista, pela *diversidade cultural*, a fim de opor o espírito da livre-concorrência ao seu sentido próprio, ou seja, ao monopólio *de facto* de Hollywood. A *diversidade cultural*, de acordo com o multiculturalismo e a política identitária, é a doutrina atual da União Europeia em matéria de cultura. Mas ela está em questão – com o preço único do livro e o direito autoral continental -, mesmo tendo sobrevivido à passagem, homologada pelo tratado de Nice em dezembro de 2000, do voto unânime ao voto da maioria qualificada no Conselho europeu, aplicável às futuras negociações sobre o comércio internacional. Os Estados membros renunciariam, então, a sua competência sobre o setor dos serviços, entre os quais a educação e a cultura.

A Europa entre unidade e diversidade culturais

O tratado de Roma, instituindo a Comunidade Europeia, nada dizia sobre a cultura. Foi o tratado de Maastricht que deu à Europa, a partir de 1992, uma competência na matéria. A integração europeia, historicamente ligada às atividades econômicas e comerciais, aprofundou-se numa base ampla, suscetível de implicar ainda mais os cidadãos e de reforçar o sentimento de pertencer à União Europeia, no respeito da diversidade das tradições e das culturas nacionais e regionais interessadas pela sua oferta³.

³ http://europa.eu.int/comm/dgs/education/culture/index_fr.htm.

Esse é o princípio, que combina alargamento e aprofundamento : pertencer a uma identidade comum e atenção às singularidades nacionais e regionais.

O artigo 3 do tratado da União Européia apresenta, daí em diante, os objetivos da ação comunitária : *uma contribuição a uma educação e a uma formação de qualidade, assim como o desenvolvimento das culturas dos Estados membros* . E o artigo 151 define as finalidades da ação cultural comunitária no seu parágrafo 1º : *A Comunidade contribui para o desenvolvimento dos Estados membros no respeito da sua diversidade nacional e regional, pondo em evidência a herança comum* . Além disso, os domínios de intervenção são bem precisos : aprimorar o conhecimento e a difusão da cultura e da história dos povos europeus ; preservar e salvaguardar o patrimônio cultural de importância européia ; manter os intercâmbios culturais não comerciais ; encorajar a criação artística e literária, inclusive no setor do audiovisual ; desenvolver a cooperação cultural com os países do terceiro mundo e às organizações internacionais competentes, particularmente com o Conselho da Europa.

Enfim, a Comunidade leva em conta aspectos culturais de sua ação, a título de outras disposições do presente tratado, principalmente a fim de respeitar e de promover a diversidade de suas culturas . A cultura deve ser considerada em todas as ações comunitárias, pois ela contribui para a cidadania européia, para o desenvolvimento pessoal e humano pela educação, para a coesão econômica e social entre os Estados membros, para a criação de empregos na Europa, para a eliminação da exclusão, para o enriquecimento da qualidade de vida na Europa etc. Entretanto, concretamente, o orçamento da cultura e do audiovisual não representa mais do que 0,1% do orçamento da União Européia e ele é dedicado, essencialmente, à ajuda ao setor audiovisual e cinematográfico. Além disso, com o programa Cultura 2000, a Comunidade visa a implantar uma nova abordagem para sua ação cultural. Trata-se de favorecer a criação de um espaço cultural comum aos Europeus e de encorajar a cooperação entre os atores culturais, no intuito de desenvolver o diálogo intercultural, o conhecimento da história e da cultura, a difusão transnacional da cultura, a criação, a valorização do patrimônio, a integração socioeconômica e social . Essa lista heteróclita ilustra a dificuldade de conciliar as diversas culturas nacionais com a cultura, pois não há nenhum consenso entre os Estados membros sobre uma política da cultura.

O futuro da cultura literária

É esclarecedor consultar a lista dos 55 projetos culturais (entre 410 apresentados) que a Comissão financiou em 2000. *A melhoria do conhecimento e a divulgação da cultura e da história dos povos europeus* foram menos contempladas que outros campos de ação : conservação do patrimônio, intercâmbios culturais e criação, em que se concentram a maior parte dos projetos subvencionados. Mesmo pela literatura, outrora o centro da cultura, Cultura 2000 está fazendo pouca coisa, e nada que corresponda a uma intenção de animação cultural e de assistência social. Quatro ou cinco projetos, em 55 premiados, referem-se ao livro :

- A opção das cidades-refúgio, iniciativa do Parlamento internacional dos escritores, sediado na França, com parcerias alemã, austríaca, espanhola e italiana, propõe criar uma rede de cidades-refúgio para acolher os escritores censurados de todos os países, distribuir ajudas à criação e à publicação, estimular uma reflexão sobre democracia e criação.

- O preço do livro tátil para a juventude, iniciativa da associação francesa *Les Doigts qui rêvent*, pretende ajudar os jovens com dificuldade de aprendizagem da leitura por deficiência visual, reunindo especialistas, aperfeiçoando as técnicas de fabricação e distribuindo o prêmio Tactus.

- *Jovens tradutores na Internet para o Milênio*, iniciativa do Conselho Britânico, propõe uma união inovadora e criativa entre tradução, escrita e Internet. Jovens tradutores (menos de 30 anos) serão convidados a traduzirem jovens autores (menos de 30 anos); um site Web será criado para testar o potencial de publicação; o projeto será veiculado pelas escolas, as universidades e os colégios.

- Finalmente, a dor, estudo temático multicultural e interdisciplinar reunindo universitários espanhóis, franceses, alemães e ingleses, tem por objetivo pesquisar profundamente a dor, estudando suas diferentes manifestações nas obras literárias e artísticas. [...] A ação se propõe a insistir nas doenças que desencadeiam um sofrimento físico, mas também moral. É o único projeto literário, cultural no sentido antigo da palavra, mas não é impossível que ele tenha sido selecionado porque está em pauta a criação de uma série de eventos culturais para ajudar os doentes a se reintegrarem na sociedade.

A Comissão europeia entende Cultura 2000 no sentido de animação e assistência: tal é, na Europa, o sentido da cultura como língua comum. Diante do esvaziamento das letras na nova economia da cultura, duas reações parecem possíveis.

A primeira é a dos *viúvos da Europa*, nostálgicos da cultura humanista. Suas reclamações são familiares. Segundo um livro americano recente (KARMER; KIMBALL, 1997), *o futuro do passado europeu* está tão comprometido nos Estados Unidos quanto na Europa. A Europa era a cristandade, mas nove entre dez franceses só vão à missa uma vez por ano; era o Grande Tour dos festivais e dos museus, mas o espírito europeu extenuou-se na democratização e na *musealização* que transformaram o passado vivo em mercadoria; ou, então, era o francês falado em Berlim e em Viena, em Lisboa e em Varsóvia, mas o francês só é falado atualmente na França – e olhe lá! –, e a erosão da cultura parece mais dramática vista de Paris, pois ela carrega o francês junto com a literatura.

A morte da Europa é um lugar comum desde o romantismo. *A Europa é o passado*, dizia Dostoievski, e Paul Morand, voltando de Veneza, onde havia visto os fogos de artifício soltados por uma Europa moribunda, exclamava: *Eu sou viúvo da Europa*. Nos Estados Unidos, onde o passado europeu é suspeito de racismo e de sexismo, e ameaçado pelo revisionismo histórico, as instituições, outrora guardiãs das tradições culturais, devem adaptar-se às novas políticas identitárias e a prioridade das tradições europeias está ameaçada na escola, no museu ou no teatro. A crise de confiança identitária

propaga-se também, na Europa, diante das falhas da integração, da expansão dos fanatismos religiosos e étnicos hostis à tradição universalista, da degradação dos sistemas educativos, enquanto a onipresença da cultura popular americana, no que ela tem de mais pobre, é o sintoma mais visível da globalização.

Não se trata mais de cultura, no singular, mas sempre de culturas, no plural, no sentido banalizado de comportamentos coletivos, enquanto a alta cultura é sitiada por uma cultura popular erigida em modo de vida. Não há mais estímulo em se buscar apoio no passado, em um mundo instantâneo, onde as novas tecnologias tornam a história entediante. O choque das temporalidades aumenta com a frequência dos *chips* eletrônicos: o tempo da leitura é incompatível com a aceleração da vida numérica.

Enfim, a democratização da cultura tornou-a trivial. O ministério da Cultura, secundado pela diretoria da Cultura em Bruxelas, é uma administração do divertimento coletivo. Do mesmo modo que a *Fête de la musique* dá ensejo a uma noite anual de barulho, a *operação maior da União Européia*, desde 1985, a *Cidades européias da cultura* faz cooperar em milhares de atores culturais da União Européia e dos países europeus associados, em torno do espetáculo vivo, do teatro, do patrimônio, da cultura urbana, das artes da rua e das novas formas de expressão artística que utilizam as novas tecnologias. Enfim, a cultura é o carnaval.

Bruxelas resume todos os perigos. Como o Estado-Providência, para os liberais, a União Européia é, para os *viúvos da Europa*, um pesadelo totalitário. Embora a Europa não possua constituição com a qual se possa identificar, ela tem 10.000 *eurocratas* que editam diretrizes e selecionam projetos. A cultura da Europa está presa por fortes tenazes e, simultaneamente, ameaçada de fragmentação em uma poeira de despotismos culturais locais e de concentração técnico-comercial, numa capital virtual super poderosa. Entre o monopólio da língua única e a dispersão em idiomas chauvinistas, a cultura, no sentido tradicional, é um nível cultural em vias de extinção.

A outra reação é a dos moderados. Sem entusiasmo, eles admitem que a *palavra* cultura só é empregada, atualmente, no plural; que a cultura do espírito desapareceu em proveito das culturas comunitárias. Conformam-se à erosão da cultura literária, mas alegam que essa constatação pode ter vários sentidos: o nível está baixando, a vulgarização está destruindo a arte, o passado está ficando cada vez mais distante, a identidade nacional vai sendo anulada. Ora, cada uma dessas propostas pode ser refutada separadamente, ou temperada.

O nível estaria, realmente, baixando? Com certeza, a parte dedicada ao conhecimento histórico foi reduzida no currículo; certamente, a multiplicação dos saberes ensinados conduz à sua simplificação; sem dúvida, a reação democrática contra o elitismo acadêmico propicia uma evasão diante da dificuldade. Mas, em média, os jovens europeus não sabem muito mais hoje, na idade do vestibular?

E a vulgarização da cultura seria um fenômeno novo? Aliás, será que ela afeta tão gravemente a alta cultura? De fato, cultura popular e cultura erudita nunca coincidiram e a vulgarização da cultura, inseparável da

democracia, sempre aconteceu de acordo com a mídia do momento. Nos séculos XVII e XVIII, lia-se a *Bibliothèque Bleue*⁴ de Troyes, não impediu que surgissem os grandes escritores.

Estaríamos perdendo o sentido do passado? Mas toda a ideologia do progresso, todo o projeto moderno pode ser descrito como um ressurgimento da gnose que, na Idade Média, pedia para romper com o passado como tradição viva. Ora, a ruptura nunca foi total. Quanto à ameaça do multiculturalismo e da globalização para as identidades nacionais, isso não seria um fantasma? As identidades – na França, a cidadania republicana – não são tão frágeis, e qualquer um que viaje pode constatá-lo rapidamente. Derrida, no seu *Autre Cap*, é uma boa testemunha desse discurso razoavelmente anti-eurocêntrico e pró-europeu. Após ter resumido a visão de Valéry, ele se situa no *além dessa tradição moderna* e propõe um *contra-programa contrário a esse programa arqueo-teleológico de todo discurso europeu sobre a Europa*. O conceito romântico de nação durou tempo demais. *O próprio de uma cultura, lembra Derrida, é de não ser idêntica a si mesma. [...] Não há cultura ou identidade cultural sem essa diferença para consigo mesmo*. Trata-se de reconhecer o outro no mesmo e o estrangeiro em si próprio.

No mais, segundo Edgar Morin, essa Europa multicultural será uma volta às fontes (MORIN, 1987), pois a Europa nasceu da apropriação do passado e do outro. Para Rémi Brague, o reconhecimento da herança cultural estrangeira esteve na origem da identidade européia, e a *romanidade* como hibridismo e mestiçagem não teria perdido nada da sua atualidade. O reconhecimento da diversidade das origens culturais da Europa deveria incitar a reconhecer as outras culturas transportadas para a Europa hoje. Derrida fala do *dever* de abrir a Europa *para o que não é, nunca foi e jamais será Europa, do dever de acolher o estrangeiro para integrá-lo, mas também para reconhecer e aceitar sua alteridade*.

Essa visão da Europa como democracia pós-nacional no estado nascente foi defendida por Jürgen Habermas, no início dos anos 90, para prevenir o retorno dos nacionalismos após a queda do comunismo. Mesmo que ainda não existisse espaço público europeu, Habermas adivinhava os seus rudimentos na mobilidade dos europeus e na multiplicação de seus contatos. No futuro, preconizava ele em 1991, as diversas culturas nacionais poderão convergir para uma cultura política comum, enquanto as outras formas culturais, como as artes, a filosofia e a literatura, continuariam durante muito tempo sendo nacionais. A cultura política européia unitária deveria basear-se na idéia dos direitos universais do homem, enquanto as culturas, religiões e tradições *dos modos de vida específicos* deveriam ser protegidas na sua diversidade, na medida em que não contradigam os princípios democráticos do espaço público. Habermas aposta, portanto, numa dupla cultura da Europa, unificada no espaço político, mas plural e diversa no espaço comunitário.

Esse segundo discurso sobre a Europa é menos amargo e mais generoso – portanto, mais sedutor. Entretanto, ele tem seus problemas. Não seria artificial separar esferas pública e comunitária, como se os princípios e valores de um *modo de vida específico* não influenciassem o *forum*? E não seria ainda

⁴ Uma coleção de livrinhos bem populares, com histórias medievais e outras, quase como o nosso cordel. N.T.

uma maneira de impor a todos a cultura política ocidental na sua pretensão universalista, inseparável de seus valores? Enfim, não seria relegar as outras formas da cultura – artes, filosofia e literatura – ao nível dos atributos do *modo de vida específico* que as viu nascer?

*

Não haveria outra escolha além da lamentação dos *viúvos da Europa* sobre o fracasso da cultura literária, ou a resignação dos *democratas multiculturais* a seu desterro em *um modo de vida específico*? Não haveria uma terceira via, que desse chances à literatura?

O poeta T.S. Eliot, nas suas *Notas para a definição da cultura* de 1949, propunha esta aproximação: *A cultura pode ser descrita, simplesmente, como o que torna a vida digna de ser vivida*. Ele manifestava, assim, uma idéia elevada da cultura, semelhante à que Valéry propunha antes da guerra. Ambos defenderam ardentemente a prerrogativa da literatura na cultura e puseram, com segurança, o estudo da literatura no centro da formação escolar e universitária. Afirmavam que a condição humana só podia ser entendida, na sua complexidade, com a ajuda da grande literatura: os que lêem os melhores escritores, decretavam eles, sabem mais sobre o mundo e vivem melhor. Nunca se havia dado tanta eminência à literatura na sociedade, mas foi um pouco o seu canto do cisne: um poema do Renascimento, um romance do século XIX permitiam compreender melhor a vida do que uma enquete sociológica. Enquanto a sociedade do lazer batia à porta, fazia-se da *dificuldade* característica do modernismo literário um capital cultural que desafiava a cultura de massa, e, com isso, da literatura, a rainha das disciplinas. Mas, quem ousaria afirmar, hoje, que a literatura e os clássicos tenham alguma coisa a nos ensinar?

Chamou-se conservadorismo a esta última grande apologia ocidental da literatura; criticou-se, na literatura e no seu ensino, o fato de dissimularem a luta de classes e os outros antagonismos, étnicos e sexuais, filtrando a sociedade, por exemplo, ao pretenderem que uma seleção estreita da literatura nacional – o famoso *cânone* branco, macho e morto – fosse a expressão da humanidade universal. Defendendo a literatura, Valéry e Eliot reagiam à ascensão da cultura de massa; definiam a literatura como uma experiência incomparável, a da forma complexa e total, e como um remédio para a prática instrumental e fragmentária dos saberes especializados na sociedade industrial. A literatura, pensavam eles, estava em condições de dotar o homem moderno de uma visão para além das restrições da vida cotidiana; a leitura dava à consciência uma unidade plenamente vivida. Certamente, a literatura não é a única a reivindicar esse valor; o cinema e as outras mídias, outrora considerados pouco legítimos, têm a mesma faculdade de configurar a experiência e de dar vida; a idéia da cultura como redenção carrega, sem dúvida, um traço de romantismo. Mas a apologia da literatura na cultura não é necessariamente uma utopia conservadora, vazia de conteúdo social real; ela não está condenada à nostalgia de uma unidade perdida; a literatura pode também ser defendida em nome de uma antecipação confiante e

democrática do futuro. É, em todo caso, o papel que atribuo à literatura, entre globalização e humanismo, e é a esperança que deposito na Europa.

Abstract

Europe and culture: the two words are frequently associated, but are also, one and the other, equally badly defined. Which Europe? Which culture? The idea of culture, wrote Paul Valery, holds for us a very ancient link with the idea of Europe. Culture is Europe's common language, stated Fernando Braudel. On the other extreme, an equally great number of people won't stop repeating, like Julien Benda in 1946: Europe or, more exactly, a consciousness of Europe beyond the diversity of its parts, never existed, as a consciousness of the United States does, beyond the diversity of its forty-eight (nowadays fifty) states. Europe, the idea of Europe, the European consciousness, or the European cultural identity does not exist. Europe's culture is essential, according to some; it's just an empty word, according to others. Talking about Europe and culture, let's sail across these commonplaces.

Key words: culture, identity, Europe.

Referências

- BRAGUE, Rémi. *Europe, la voie romaine*. Paris: Criterion, 1992.
- CURTIUS, E. R. *La littérature européenne et le Moyen Âge latin*. Paris: PUF, 1956.
- DERRIDA, Jacques. *L'autre cap, suivi de La démocratie ajournée*. Paris: Minuit, 1991. Disponível em: <http://europa.eu.int/comm/dgs/education_culture/index_fr.htm>. Acesso em: 05/2001.
- KARMER, Hilton; KIMBALL, Roger. *The future of the European past*. Chicago: Ivan R. Dee, 1997.
- MORIN, Edgar. *Penser l'Europe*. Paris: Gallimard, 1987.
- VALÉRY, Paul. La crise de l'esprit. *Variété*, Paris, no 1, 1924.
- _____. *L'esprit européen: rencontres internationales de Genève*, 1946. Neuchâtel: La Baconnière, 1947.